

Íris nega acordo e aposta no consenso

158

JORNAL DE BRASÍLIA

O senador Íris Rezende (PMDB-GO) negou ontem em Goiânia acordo com o colega Pedro Simon (PMDB-RS) para enfrentar o ex-presidente José Sarney (PMDB-AP) na disputa pela presidência do Senado. Disposto a virar o jogo, o senador goiano disputa hoje a prévia do PMDB com a convicção de que será proclamado candidato de consenso. Íris embarcou em seguida para Brasília.

A partir de seu comitê de campanha, instalado no Hotel Aracoara, em Brasília, está se revelando para 22 eleitores como candidato de centro para atrair os votos dos conservadores, enquanto ataca as candidaturas de Simon e Sarney, defendendo um programa de "mutirão" para renovar o senado.

"Não existe acordo com Simon", afirmou Rezende. "O Simon é quem declarou que, se não tiver os votos necessários para chegar ao segundo turno, votaria em mim". Segundo Íris Rezende, que assim como Simon foi ministro do governo Sarney, existe um bom relacionamento entre eles. Mas, acrescenta, chegou a sua vez.

Já Pedro Simon admite que sua plataforma é de anticandidato. Ele conta que tem cinco ou seis votos dos 22 senadores do PMDB e garante que não esteve nos últimos dias empenhado em conquistar mais aliados. Mas o senador

levará sua candidatura à presidência do Senado até a última hora, numa tentativa alucinada de impedir a vitória, já no primeiro turno, do senador maranhense José Sarney. Com o novo senador Íris Rezende (GO), o terceiro concorrente ao cargo, ele pretende dividir forças. Faltando poucas horas para a escolha do novo presidente do senado, o senador gaúcho só tem certeza de uma coisa: se derrotado, infernizará a vida do vitorioso, dia após dia, até o fim de seu mandato, cobrando as mudanças administrativas e políticas que a Casa exige.

Cobranças — "Se eu não ganhar, vou incorporar o espírito de Teotônio Vilela e cobrar, cobrar e cobrar ação do novo presidente", ameaça Pedro Simon. Não precisará, necessariamente, se inspirar muito no falecido senador alagoano, que bradava e batia na mesa durante seus discursos no plenário. Isso, Simon já incorporou ao seu estilo há algum tempo. "A Casa precisa mudar, tem que mudar, para melhorar sua imagem junto à população", dizia ontem um Pedro Simon calmo, sem a preocupação, segundo ele, de ficar pendurado ao telefone em busca de mais votos. Tudo ao contrário de José Sarney e Íris Rezende, que chegaram pela manhã no Senado, para contatos sigilosos. Simon acredita que o que podia fazer pela sua candidatura já fez.